

Hemocentro coordenará estudo inovador sobre o novo coronavírus

Pesquisadores querem coletar o sangue de pacientes que já estão curados da covid-19 para transplantar em quem ainda enfrenta o tratamento

Da reportagem | ACidadeON/Ribeirao

5/4/2020 12:49



Técnica ainda deve ser aprovada oficialmente, mas já está em fase de teste (Foto: divulgação)

O diretor do Hemocentro de Ribeirão Preto, Rodrigo Calado, recebeu o cargo de coordenador em um estudo inovador e de abrangência nacional sobre o novo coronavírus (covid-19). O método busca meios de acelerar o desenvolvimento de anticorpos em pacientes infectados.

PUBLICIDADE

Para isso, o sangue de aproximadamente 45 pessoas do interior paulista, que já estão curadas da doença, será analisado como material de combate aos efeitos do vírus. O mesmo é feito por outros centros de referência do Brasil, como os hospitais Albert Einstein e Sírio Libanês.

"Com infecções virais, nós produzimos anticorpos contra os vírus que já existem. Esse é o princípio da vacina, por exemplo, mas,

ainda não a temos para o novo coronavírus. A ideia é adiantar essa formação", explicou em entrevista ao Jornal Nacional.

A terapia, aprovada neste sábado (4) para finalidades experimentais, tem como princípio a coleta do plasma [agente encontrado no sangue, composto de água, proteínas e que carrega anticorpos criados por diversos vírus] de homens e mulheres que já venceram a covid-19. Esse material deverá ser implantado em quem ainda enfrenta o tratamento.

"Queremos acelerar esse processo de formação de anticorpos com o sangue de outras pessoas que já estão bem. Aí, o material coletado será transplantado para alguém que ainda está enfrentando os sintomas. Isso poderá inibir possíveis casos graves e criar defesas", finalizou Rodrigo Calado.

Amostras limitadas

A notícia de esperança tem mobilizado a comunidade médica, mas ainda precisa de autorização da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) também disse, por meio de nota, que reconhece o potencial do estudo como tratamento contra as infecções por coronavírus, mas que o tamanho limitado das amostras impedem a comprovação definitiva sobre a eficácia.

Já o Ministério da Saúde reforçou ao Jornal Nacional que revisa a literatura científica da pesquisa para avaliar se há dados suficientes e robustos a respeito da eficácia da utilização.

"Há um número enorme de pacientes que não respondem a nada. Para mudar os resultados, precisamos fazer algo diferente e não ficar apenas assistindo eles. Considero promissora essa técnica", opinou Paulo Niemeyer, diretor do Instituto do Cérebro, à Globo.

Fonte: Jornal Nacional